

“Criar cidadãos perfeitos para uma República máscula, forte e virtuosa”: o Primeiro Congresso Nacional Feminista e de Educação em Lisboa (1924) e a modernização da desigualdade¹

“Criar cidadãos perfeitos para uma República máscula, forte e virtuosa”: the First National Feminist and Education Congress in Lisbon (1924) and the modernization of inequality

Jaqueline Moraes de Almeida*

<https://orcid.org/0000-0002-6284-0801>

Daniel Florence Giesbrecht**

<https://orcid.org/0000-0003-4142-6860>

Resumo: Organizado pelo Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (CNMP), o Primeiro Congresso Feminista e de Educação ocorreu entre os dias 4 e 9 de maio de 1924, em Lisboa. Na ocasião, foram apresentadas e discutidas teses que versaram sobre temáticas relacionadas aos direitos políticos e cívicos, à educação, à assistência social, à higiene e saúde da mulher. Aproveitando a efeméride, propomos uma análise historicizada do evento, especialmente de algumas das teses, que mobilize reflexões sobre as relações intrínsecas entre certo feminismo e um projeto de nação higienista, focado no aprimoramento da raça. Sem querer reduzir as expressões feministas do início do século XX a uma definição engessada – mesmo porque os conflitos no interior do CNMP apontam para uma variedade de posturas relativamente à emancipação do sexo feminino –, pretendemos chamar a atenção, tal qual Susan Besse bem delineou ao estudar o caso brasileiro, para uma “modernização da desigualdade”. Para a historiadora, o casamento, a sexualidade, a maternidade e a educação feminina – temáticas recorrentemente presentes nas discussões feministas do final dos Oitocentos e nas primeiras décadas do século XX – adquiriram enorme importância, uma vez que a “reprodução limpa” foi encarada como forma de superar o atraso e a degeneração de determinadas nações. Assim, nossa hipótese é a de que o feminismo institucional representado pelo CNMP, ao reivindicar dignidade e igualdade de oportunidade às mulheres, encontrou lugar no engenhoso projeto de reforma social fundamentada em preceitos eugênicos,

* Doutoranda em História Contemporânea na Universidade de Coimbra e investigadora do Centro de Estudos Interdisciplinares (CEIS20) na mesma universidade. E-mail: jaquelinemoraesalmeida@gmail.com.

** Doutorando em História Contemporânea na Universidade de Coimbra e investigador do Centro de Estudos Interdisciplinares (CEIS20) na mesma universidade. E-mail: profdanielflorence@gmail.com.

¹ Este trabalho é financiado por fundos nacionais e comunitários por meio da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia – pelas bolsas de doutoramento – 2022.09562.BD e 2021.04805.BD, respectivamente.

sustentados, principalmente, através do discurso médico-antropológico. Neste, “a mulher” foi convocada a carregar o pesado fardo de civilizar sua família, assumindo um papel fundamental ao Estado, embora conservador: o de esposa e mãe, educada para administrar o lar e criar “cidadãos perfeitos para uma República máscula, forte e virtuosa” – palavras de Julieta Ribeiro, autora da tese *A mulher naturista*.

Palavras-chave: Feminismo. Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas. Eugenia. Biopoder. Lisboa/Portugal.

Abstract

Organized by the Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (National Council of Portuguese Women – CNMP), the Primeiro Congresso Feminista e de Educação (First Feminist and Education Congress) took place between the 4th and 9th of May 1924, in Lisbon. On the occasion, some theses were presented and discussed on topics related to political and civic rights, education, social assistance, hygiene, and women’s health. Taking advantage of the centenary of this Congress, we propose a historicized analysis of the event, especially some of the theses, which mobilizes reflections on the intrinsic relationships between a certain feminism and a hygienist nation project, focused on improving the race. Without wanting to reduce feminist expressions from the beginning of the 20th century to a rigid definition – even because the conflicts within the CNMP point to various positions regarding the emancipation of the female sex –, we intend to draw attention, as Susan Besse well outlined in the study the Brazilian case, for a “modernization of inequality”. For this historian, marriage, sexuality, motherhood, and female education – themes recurrently present in feminist discussions in the late 19th century and in the first decades of the 20th century – acquired enormous importance, since “clean reproduction” was considered a way to overcome the backwardness and degeneration of certain nations. Our hypothesis is that the institutional feminism represented by the CNMP, by claiming dignity and equality of opportunity for women, found a place in the ingenious project of social reform based on eugenic precepts, supported mainly through medical-anthropological discourse. In this, “the woman” was called upon to carry the heavy burden of civilizing her family, assuming a fundamental role for the State, although conservative: that of wife and mother, educated to manage the home and to create “perfect citizens for a masculine, strong, and virtuous Republic” – words by Julieta Ribeiro, author of the thesis *A mulher naturista* (The naturist woman).

Keywords: Feminism. National Council of Portuguese Women. Eugenics. Biopower. Lisbon/Portugal.

Introdução

Nos números 2 e 3 de *Alma Feminina* (boletim oficial do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas), referentes aos meses de janeiro e fevereiro de 1924, foi publicada uma chamada para um evento que, pela primeira vez, seria realizado em Portugal, na capital Lisboa: o Primeiro Congresso Feminista e de Educação². O objetivo da empreitada, de acordo com a Comissão Organizadora, era “discutir e ventilar princípios feministas e educativos e que tão intimamente se relacionam”³. O mesmo boletim publicou, ainda, os nomes das pessoas que integravam a Comissão Organizadora, um regulamento, e uma lista com os títulos e os respectivos autores das teses já submetidas — tudo relacionado ao evento que, em princípio, aconteceria no mês de março daquele mesmo ano⁴.

No centenário do Primeiro Congresso Feminista e de Educação, propomos uma análise historicizada do evento que dê conta de fomentar reflexões especialmente sobre as relações intrínsecas entre certo feminismo e um projeto de nação higienista, com foco no aprimoramento da raça. Para tanto, iremos mobilizar fontes relacionadas ao evento, tais como o *Relatório e a Homenagem às Relatoras das Teses do Primeiro Congresso Feminista e de Educação*, escritos por Arnaldo Brazão; os números especiais de *Alma Feminina*, dedicados ao congresso; além das brochuras das teses que mais nos interessa evidenciar.

Este artigo, desenvolvido em coautoria, é também resultado de parte de duas teses de doutorado (em andamento) que dialogam em alguns aspectos especialmente relacionados à intersecção entre feminismo e eugenia, no contexto da primeira metade do século XX. Sendo assim, aproveitamos o potencial dialógico das fontes previamente referenciadas, conferindo especial atenção às teses que explicitamente foram desenvolvidas a partir de preceitos eugenistas. São elas: *Abolicionismo*, de Arnaldo Brazão; *Educação Sexual*, de Paulina Luisi; *A luta Anti-Alcoólica nas Escolas*, de Adelaide Cabete; *A Mulher Naturista*, de Julieta Ribeiro; e *Educação dos Indígenas nas Colônias e suas Vantagens*, de Domingas Lazary do Amaral. A partir dessa seleção, também incorporamos às nossas análises outras publicações de autoria dos referidos

² CONSELHO NACIONAL DAS MULHERES PORTUGUESAS. “Sem título” In *Alma Feminina: Boletim Oficial do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*, Lisboa, V. VIII, n. 2 e 3, p. 5, 1924. Todos os documentos e fontes em língua portuguesa citadas neste artigo foram adaptadas às regras do Acordo Ortográfico de 1990.

³ Ibid.

⁴ A Comissão Organizadora acabou alterando a data para o mês de maio, “em virtude de ter recebido ‘vários pedidos de professoras da província para se transferir a realização para as férias da Páscoa’”. COSTA, C. Rosa. *História do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (1914-1947)*. Lisboa: Tinta da China, 2021, p. 144.

relatores, na tentativa de compreender de forma mais consistente seus respectivos argumentos.

Apesar de nunca ter sido um movimento homogêneo, expressando de distintas maneiras seu incômodo com os limites e as incoerências de um modelo liberal consolidado com o desenvolvimento do capitalismo, o feminismo, mesmo em sua vertente liberal, foi, especialmente no contexto das últimas décadas dos Oitocentos até as primeiras décadas do século XX, revolucionário, ao fomentar reflexões sobre as possibilidades conferidas à mulher na sociedade, exigindo dignidade e alguns direitos. Todavia, se, como bem observou Fabíola Rohden, “as relações entre os gêneros constituem um nódulo fundamental em torno do qual se articula uma série de preceitos indispensáveis para a vida em sociedade”⁵, o feminismo foi encarado como uma ameaça, especialmente aquele representado por mulheres que articulavam a opressão de gênero a outras expressões de violência, como as de classe e raça.

Esse movimento, portanto, suscitou atitudes diversas, algumas de caráter antifeminista — mais eschachadas e por isso, talvez, mais simples de identificar e de analisar —, outras mais complexas que, aparentemente, pretenderam conciliar as reivindicações políticas do elemento feminino às necessidades coletivas do período. Teólogos, juristas e médicos se envolveram, assiduamente, na teorização do feminismo ao mesmo tempo em que se esforçaram em reafirmar as bases da diferença entre homem e mulher⁶. Além disso, esses “tradutores dos desígnios naturais”⁷ insistiram muito na ideia da complementaridade dos sexos — portanto, na heterossexualidade —, fundamental, segundo eles, à boa marcha do progresso individual e nacional. Dessa forma, algumas feministas, fosse por motivos estratégicos ou por acreditar em uma definição mais individualista do feminismo — focada em conquistas individuais, por exemplo —, envolveram-se nessa proposta, que, ao fim e ao cabo, vestiu a desigualdade com uma roupagem moderna. Emprestamos essa ideia de Susan Besse, brasilianista que, ao estudar as relações de gênero no Brasil durante a primeira metade do século XX, observou que:

⁵ ROHDEN, Fabíola. *Uma Ciência da Diferença: Sexo e Gênero na Medicina da Mulher*. Rio de Janeiro: Editora da FIOCRUZ, 2001, p. 13.

⁶ A seguir, listamos alguns exemplos de autoria de um teólogo, um jurista e um médico, respectivamente, todos portugueses: SILVA, M. Abúndio da. *Feminismo e Ação Feminina: Cartas à uma Senhora*. Braga: Cruz & Cia, 1912; MOURA, Carneiro de. *A Mulher e a Civilização*. Lisboa: Seção Editorial da Companhia Nacional Editora, 1900; ALMEIDA, Jaime Pereira de. *Elementos para o Estudo da Condição Física e Intelectual da Mulher*. Porto: Tip. Do Porto Médico de Magalhães & Figueiredo, 1907.

⁷ ROHDEN, op. cit., p. 15.

De pensamento cada vez mais secular, os modernizadores urbanos imaginavam que o progresso se realizava mediante a aplicação das modernas teorias científicas [...]. A enorme influência da eugenia — ao mesmo tempo “ciência” e movimento social preocupado com o aperfeiçoamento da “raça” — concentrava-se na reprodução como forma de superar os supostos “atraso” e “degeneração” do país. Assim, casamento, sexualidade, maternidade e educação feminina [temas caros ao feminismo da altura] assumiram, a seus olhos, enorme importância⁸.

Ou seja, apesar de certos avanços, especialmente relacionados ao acesso à educação e às carreiras liberais, sentidos por uma fração de mulheres majoritariamente abastadas, a função social feminina por excelência foi mantida: a da reprodução. Ademais, e talvez como uma forma de conceder à mulher uma responsabilidade cívica que a tirasse do lugar de eterna tutelada, foi-lhe confiado o pesado fardo de higienizar seu lar, auxiliando no combate ao alcoolismo, às chamadas doenças venéreas, às taras sexuais etc. Assim, ao mesmo tempo em que se buscava descobrir a natureza científica do papel das mulheres no avanço evolutivo da raça, colocava-se os levantes feministas sob a vigilância e a orientação masculinas. Como bem sintetizou Anne McClintock, ao analisar o *Men and Women’s Club*, grupo darwinista inglês fundado pelo estatístico e matemático Karl Pearson, “O feminismo era visto como criado da evolução, necessário, mas perigosamente volúvel”⁹.

O Primeiro Congresso Feminista e de Educação, 80 e 100 anos depois

Organizado pelo Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (CNMP), então presidido pela médica Adelaide Cabete, o Primeiro Congresso Feminista e de Educação foi realizado entre os dias 4 e 9 de maio de 1924, nas dependências

⁸ BESSE, Susan K. *Modernizando a Desigualdade: Reestruturação da Ideologia de Gênero no Brasil, 1914-1940*. São Paulo: EDUSP, 1999, p. 3.

⁹ MCCLINTOCK, Anne. *Couro Imperial: Raça, Gênero e Sexualidade no Embate Colonial*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010, p. 413. Um exemplo de clube semelhante é o *Heterodoxy Club* nos Estados Unidos, fundado em 1912 em Greenwich Village, Nova York. Este incluía figuras proeminentes do feminismo, ativistas e intelectuais, promovendo debates sobre direitos das mulheres, sufrágio, educação, sexualidade e reformas sociais. Alguns de seus membros, assim como muitas feministas e reformadoras sociais do início do século XX, simpatizavam com ideias eugênicas, acreditando na melhoria da raça humana através da seleção consciente de características desejáveis. Essa crença era comum entre aqueles que defendiam o controle da natalidade, saúde reprodutiva e direitos das mulheres, vendo a eugenia como uma forma de melhorar as condições sociais e biológicas da população. Ver: WITTENSTEIN, Kate. E. *The Heterodoxy Club and American Feminism (1912-1930)*. Dissertation (Doctor of Philosophy)—Boston: Boston University, 1989.

da Associação de Socorros Mútuos dos Empregados no Comércio de Lisboa¹⁰. Imitando, finalmente, um gesto vulgarizado desde pelo menos o início do associativismo feminista, as consocias da agremiação e alguns de seus apoiadores pretenderam, com tal evento, celebrar o décimo aniversário do CNMP — este considerado por Arnaldo Brazão, sobrinho de Cabete, como a única associação feminina portuguesa a debater a questão feminista¹¹. Importante pontuar que a iniciativa foi, nas palavras do advogado, “coroadada do melhor êxito e teve a aplaudi-la figuras da mais alta representação social”, recebendo saudações da Câmara dos Deputados e do Senado¹². Participaram do Congresso, na condição de presidente de sessão, conhecidos homens públicos como Bernardino Machado, Magalhães Lima, Abranches Ferrão e Barbosa de Magalhães. O próprio Presidente da República, Manuel Teixeira Gomes, presidiu a sessão inaugural, encerrando-a com um discurso:

Acho que fizeram bem em escolher o título do Congresso Feminista e de Educação para esta assembleia feminina. Há muito tempo que as mulheres têm uma ação mais direta na orientação das sociedades; desde que passaram a ser a educadora do homem se vêm impondo à consideração de todos nós. As mulheres a quem está confiada a educação dos nossos filhos têm o direito de intervir na vida pública do seu país.
[...] Não se preocupem com o que se passa lá fora. As reformas têm que ser subordinadas ao espírito da nossa nacionalidade

¹⁰ As questões relacionadas à regeneração da raça portuguesa constituíram um motivador central para a implementação de projetos durante as primeiras décadas do século XX. Um exemplo notável também ocorreu há cem anos, em 1924, quando foi fundada na cidade do Porto a Liga Portuguesa de Profilaxia Social pelo Dr. António Emílio de Magalhães, juntamente com os Drs. Cândido Henrique Gil da Costa e Arnaldo Cândido Veiga Pires. Essa associação civil, ainda em funcionamento, tinha, em seu programa inicial, o compromisso de difundir princípios de higiene, combater doenças venéreas, alcoolismo, câncer e tuberculose, promover assistência adequada aos doentes mentais, garantir higiene no trabalho e fomentar a puericultura. VIEIRA, Ismael Cerqueira. “‘Em prol do bem comum’: o contributo da Liga Portuguesa de Profilaxia Social para a Educação Higiênica no Porto (1924-1960)” In *CEM Cultura, Espaço & Memória*, n. 5, 2014, p. 20. Em seus programas, o uso de terminologias como “aperfeiçoamento” “constituição sadia” e o combate à “degenerescência física” incluindo a sífilis e o alcoolismo, além da ênfase na puericultura, revela o caráter quase eugênico dessa instituição. Embora a eugenia não tenha sido mencionada explicitamente nos estatutos fundadores, esses objetivos refletem uma preocupação com o aperfeiçoamento e a saúde da população, alinhando-se com os ideais eugênicos da época. PROGRAMA DA LIGA PORTUGUESA DE PROFILAXIA SOCIAL In *Boletim da Liga Portuguesa de Profilaxia Social*, n. 1. Porto: Empresa Industrial Gráfica do Porto, p. 6-9, 1929.

¹¹ BRAZÃO, Arnaldo. *O Primeiro Congresso Feminista e de Educação (Relatório)*. Lisboa: Edições Spartacus, 1925, p. 1.

¹² *Ibid.*, p. 11.

e acomodamos a grande jornada do Feminismo no limite dos moldes portugueses¹³.

Dezenas de coletividades nacionais e estrangeiras aderiram e felicitarão a iniciativa do CNMP, e também individualidades como Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Norton de Matos, Fernão Boto Machado, e as médicas Célia e Ambrosina de Almeida Leite. No decorrer do Congresso foram discutidas vinte e cinco teses, as quais, de acordo com a interpretação de Brazão, “ventilaram questões de Direito, Higiene, Educação, Sociologia e Criminologia”¹⁴.

Analisando também o relatório do evento, a historiadora Zília Osório de Castro, que muito contribuiu com o desenvolvimento do estudo sobre mulheres em Portugal, observou que,

[...] das 25 teses apresentadas, 17 eram assinadas por mulheres, demonstrando a existência de um grupo aguerrido e pioneiro de feministas em Portugal, embora esta realidade tivesse a sua contra-face. A análise dos debates revela, no seu conjunto, uma maioria de intervenientes masculinos, 26 para 16 feministas. Ou seja, no total dos nomes mencionados, cerca de 60% são de homens, o que não deixa de ter o seu significado próprio, apontando para o que chamo ‘feminismo masculino’ de intervenção e ação¹⁵.

Castro, Anne Cova¹⁶, João Esteves e outras pessoas estudiosas dos feminismos em Portugal participaram, em maio de 2004, do “Seminário Evocativo do I Congresso Feminista e da Educação em Portugal”. Oitenta anos depois, ao

¹³ Ibid., pp. 43–44.

¹⁴ Ibid., p. 15. Títulos das teses e seus respectivos autores, em ordem de apresentação, segundo o Relatório de Arnaldo Brazão: *Reivindicações políticas da mulher portuguesa*, Aurora de Castro Gouveia; *Bibliotecas infantis*, Ilda Pinto de Lima; *As pensões de estudantes*, Tito de Sousa Larcher; *A mulher na administração dos municípios*, Isabel Correia Manso; *Assistência e educação à infância desvalida*, A. C. Amaral Frazão; *Nacionalidade da mulher casada*, Jaime Gouveia; *Assistência às delinquentes*, Angélica Porto; *A educação dos anormais*, Deolinda Lopes Vieira; *Assistência e trabalho*, Maria O'Neill; *A influência da mulher na extinção da mendicância*, Jorge das Neves Larcher; *A luta anti-alcoólica nas escolas*, Adelaide Cabete; *Escolas ao ar livre*, Regina do Carmo; *A mulher como educadora*, Albertina Gambôa; *Situação da mulher casada nas relações matrimoniais dos bens de casal*, Aurora Gouveia; *Educação das indígenas nas colônias e suas vantagens*, Domingas Lazary Amaral; *Abolicionismo*, Arnaldo Brazão; *Educação sexual*, Paulina Luisi; *As ligas de bondade*, Maria O'Neill; *A influência dos espetáculos públicos na educação*, Victória Pais Freire de Andrade; *Proteção à mulher grávida e à criança*, Adelaide Cabete; *A mulher e a alimentação vegetariana*, António Carvalho Brandão; *A mulher naturista*, Julieta Ribeiro; *Solução biológica do problema educativo e Solução biológica do problema da assistência*, Bentes Castel-Branco.

¹⁵ CASTRO, Zília Osório de. “Seminário Evocativo do I Congresso Feminista e da Educação em Portugal” In *O Longo Caminho das Mulheres. Feminismos 80 Anos Depois*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007, p. 21.

¹⁶ COVA, Anne. “O Primeiro Congresso Feminista e da Educação em Portugal numa Perspectiva Comparada” In *O Longo Caminho das Mulheres. 80 Anos Depois*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007, pp. 27–43.

recordar o evento, pretendeu-se dar “rosto e vida às feministas portuguesas [...] que se mantiveram fiéis ao ideal feminista”; inscrever o feminismo na história de Portugal, “através da evocação das suas diferentes formas de ação em função dos contextos políticos e da sua permanente contribuição para a modernização e democratização da sociedade portuguesa ao longo do século XX; e desenvolver um balanço sobre o pensamento e a ação feministas no país¹⁷. Divulgado em forma de livro, alguns dos trabalhos que, de forma mais direta, referenciaram o Congresso de 1924 transparecem uma atitude celebrativa que foi, também, compartilhada pela própria comissão organizadora do Seminário de 2004:

Ao decidir realizar aquele Congresso [de 1924], no mesmo ano do seu 10º aniversário, o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas marcou uma etapa importante na história do feminismo português, promovendo, pela primeira vez, em Portugal, uma realização que visava “discutir e propagar as ideias feministas”.

O feminismo era então assumido na palavra e na ação das primeiras mulheres que lutaram, no início do século XX, pelos direitos das mulheres em Portugal. De forma corajosa, desafiando o preconceito e o conservadorismo, como se destaca de uma das frases da intervenção de Adelaide Cabete naquele Congresso: “Àqueles timoratos que perguntam onde irá o Feminismo parar responder-lhes-emos: o Feminismo terminará onde acabam todas as ideias de Progresso e toda a esperança generosa, terminará onde acabam as aspirações justas”¹⁸.

É preciso pontuar, entretanto, que especialmente o trabalho proposto por João Esteves, estudioso das associações feministas portuguesas da Primeira República, expressou uma postura mais crítica relativamente ao CNMP e às feministas republicanas, no geral, ao recordar atitudes de mulheres que, anos antes da fundação da dita associação, já atuavam em prol da dignidade feminina; atitudes estas, por vezes, contrastantes. Além disso, lembrando a maneira como a médica uruguaia Paulina Luisi foi apresentada em um dos números do boletim *Alma Feminina*, o historiador problematizou a “tendência das feministas portuguesas em valorizar em demasia os avanços legislativos obtidos com a República, em detrimento de uma análise realista das suas

¹⁷ AMÂNCIO, Lígia et al. *O Longo Caminho das Mulheres. 80 Anos Depois*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007, pp. 15–16.

¹⁸ *Ibid.*, p. 458.

debilidades, quer no plano organizativo, como nas respostas concretas às suas reivindicações”¹⁹.

Recentemente, uma dissertação de mestrado orientada por Anne Cova foi publicada em formato de livro, *História do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (1914-1947)*. Neste, Célia Rosa Costa apresenta — tal qual os trabalhos de Castro, Cova e Esteves, já referenciados — dados sobre o Congresso de 1924, baseados em fontes como o relatório de Arnaldo Brazão, mas também desenvolve ponderações pertinentes. Primeiramente, a autora nota que o próprio título do evento, destoante da maioria daqueles com a mesma intenção ocorridos no estrangeiro, pela incorporação da palavra “educação”, revelava a postura ponderada do CNMP, “uma vez que o feminismo era ainda uma causa ‘mal compreendida’ do quadro geral da população portuguesa” e também porque “às feministas não interessava confrontar o poder instituído, em virtude de ser o regime republicano aquele com que a maioria se identificava”²⁰. Além disso, Costa chama a atenção para o esforço estratégico da comissão organizadora ao convidar individualidades políticas masculinas, e ao divulgar a participação destas no Congresso, por meio da grande imprensa — atitudes que ofereceram certa credibilidade ao CNMP. Por fim, ela deixa claro que os conteúdos das teses apresentadas, bem como a própria definição de feminismo sustentada pelos envolvidos estiveram de acordo com uma corrente moderada, “uma vez que faz conciliar o papel social tradicionalmente atribuído às mulheres — de mãe e esposa — com a reivindicação do exercício das atividades política e social”²¹.

Como bem apontou Mark Adams, uma grande parte da historiografia consolidou a ideia de que a eugenia foi um movimento único e coerente, desenvolvido principalmente sob a proteção de estados anglo-saxônicos, orientado pelas teorias da hereditariedade genética (especialmente de matiz mendeliano) e frequentemente associado a projetos políticos conservadores

¹⁹ ESTEVES, João Gomes. “Os Anos 20: a Afirmação de uma Nova Geração de Feministas” In *O Longo Caminho das Mulheres. 80 Anos Depois*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007, p. 78. Na referida edição do boletim, Paulina Luisi foi homenageada pelo CNMP: “No congresso de Kristiana [Dinamarca], principalmente, quando se tratava de discutir a situação dos filhos ilegítimos na família, a Dr^a Paulina Luisi mostrou à seleta assembleia feminista como a legislação portuguesa neste ponto era muito mais avançada que a de muitos outros países. Valeu isto uma grande corrente de simpatia para o nosso país que muitas senhoras desconheciam estar num grau de civilização bastante desenvolvido”. CONSELHO NACIONAL DAS MULHERES PORTUGUESAS. “Dr^a Paulina Luisi” In *Alma Feminina: Boletim Oficial do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*, Lisboa, V. V, n. 5 e 6, 1921, p. 22.

²⁰ COSTA, op. cit., p. 145.

²¹ *Ibid.*, p. 151.

e autoritários²². As ideias aqui analisadas contrastam com essa historiografia, que, em diversas ocasiões, negligenciou a diversidade temporal, espacial e social em que a eugenia se espalhou, ignorando, por exemplo, no caso português, a forte tradição cristã e neolamarckista. Além disso, essa historiografia frequentemente desconsidera o fato de que, no início do século XX, o eugenismo também atraiu simpatizantes de grupos políticos progressistas, como feministas, liberais e socialistas²³.

Embora a formalização da eugenia como conceito em Portugal tenha ocorrido apenas no início da década de 1910, as discussões evolucionistas iniciadas no final do século XIX prepararam o terreno para questionamentos sobre o futuro da raça portuguesa²⁴. Problemas sociais, como o alcoolismo, a prostituição, o crime, a delinquência juvenil, bem como as taxas de mortalidade, causadas pela pobreza e doenças endêmicas, estavam aumentando. Todos esses fatores obstruíam claramente, na perspectiva dos estadistas, o desenvolvimento nacional e demandavam a implementação de medidas preventivas e terapêuticas para mitigar as condições que pareciam contribuir para o enfraquecimento do povo português²⁵. Após a Proclamação da República em 1910, o discurso regenerador foi, assim, incorporado ao discurso político.

Tendo em mente que a historiografia também é passível de historicização²⁶ e que, no momento atual, com mais intensidade e pluralidade, a teoria feminista questiona os grandes marcos²⁷ e os limites de certas expressões dos

²² ADAMS, Mark B. “Toward a Comparative History” In ADAMS, Mark B. (Ed). *The Wellborn Science: Eugenics in Germany, France, Brazil, and Russia*. New York: Oxford University Press, 1990.

²³ Sobre a influência da eugenia no campo progressista, ver: CLEMINSON, Richard. *Anarchism and Eugenics: an Unlikely Convergence, 1890-1940*. Manchester: Manchester University Press, 2019; LAVRIN, Asunción. *Women, Feminism, and Social Change in Argentina, Chile, and Uruguay, 1890-1940*. Lincoln: University of Nebraska Press, 1995; NADKARNI, Asha. *Eugenic Feminism: Reproductive Nationalism in the United States and India*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2014.

²⁴ Segundo José Manuel Sobral, desde o final do século XIX, os observadores da época recorriam frequentemente a explicações raciais para justificar o desenvolvimento decepcionante de Portugal. Esse contexto impulsionou antropólogos e cientistas sociais, com uma mentalidade evolucionista, a realizarem estudos estatísticos na tentativa de mapear a degeneração no país. SOBRAL, José Manuel. “O Norte, o Sul, a Raça, a Nação — Representações da Identidade Nacional Portuguesa (séculos XIX-XX)” In *Análise Social*, V. 39, n. 171, pp. 255-284, 2004.

²⁵ GIESBRECHT, Daniel Florence. “Trabalhos de Antropologia e Etnologia: o Movimento Eugênico Português a partir da Perspectiva da Antropologia Histórica” In *Revista Científica do Centro Universitário do Rio São Francisco*, n. 30, pp. 361-384, 2021, p. 368.

²⁶ BARROS, José D’Assunção. *A Historiografia como Fonte Histórica*. Petrópolis: Vozes, 2022.

²⁷ LAUGHLIN, Kathleen A. et al. “Is It Time to Jump Ship? Historians Rethink the Waves Metaphor” In *Feminist Formations*, Baltimore, V. 22, n. 1, pp. 76-135, 2010; FRACCARO, Gláucia Cristina Candian. *Os Direitos das Mulheres: Feminismo e Trabalho no Brasil (1917-1937)*. Rio de Janeiro: FGV, 2018; ALVES, Iracéli da Cruz. *Feminismo Entre Ondas: Mulheres, PCB e Política no Brasil*. Tese (Doutorado em História)—Universidade

feminismos²⁸, pretendemos, com o presente estudo, interrogar justamente alguns desses limites presentes no feminismo institucionalizado português dos anos 1920²⁹. Em resposta a esta iniciativa, alguns poderão dizer que há aqui certo anacronismo ou que, dadas as condições do passado, não havia como ser de outra forma. Apesar das evidências de que, sim, existiram outros formatos de feminismos contemporâneos àquele representado pelo CNMP, nossa intenção é, antes de tudo, evidenciar como determinados movimentos, apesar de distintos e em algum sentido aparentemente opostos (como o feminismo e a eugenia), poderiam, dadas às circunstâncias históricas, somarem-se e, até mesmo, confundirem-se em nome de projetos maiores e mais complexos, ou como estratégia de sobrevivência. Se não pudermos questionar situações do passado e suas respectivas narrativas celebrativas, então estaremos fadados a repetir atitudes que, atualmente, já não são passíveis de compreensão.

Discursos sobre o sexo

Para desenvolver seu conceito de biopolítica, Michel Foucault propôs alguns questionamentos, entre os quais o seguinte: “[...] na época em que se explora sistematicamente a força de trabalho, poder-se-ia tolerar que ela fosse dissipar-se nos prazeres, salvo naqueles, reduzidos ao máximo, que lhe permitem reproduzir-se?”³⁰. Tendo isso em mente, passemos a uma breve consideração sobre o tratamento conferido à prostituição no século XIX e princípios do século XX, em Portugal. Em meados dos Oitocentos, a legislação relacionada à atividade — por exemplo, o *Regulamento Policial das Meretrizes* e

Federal Fluminense, Niterói, 2020.

²⁸ Em resposta ao texto de Nancy Fraser, *How Feminism Became Capitalism's Handmaiden*, Brenna Bhandar e Denise Ferreira da Silva recordaram que a observação de Fraser — a de que o feminismo teria sido cooptado pelo capitalismo — já era sentida e problematizada por feministas negras e terceiro-mundistas há décadas. Nesse sentido, referenciamos apenas alguns dos clássicos que abordaram interseções envolvendo gênero e raça, por exemplo: DAVIS, Angela. *Mulheres, Raça e Classe*. São Paulo: Boitempo, 2016; hooks, bell. *Não serei eu mulher?*. Lisboa: Orfeu Negro, 2018; GONZALEZ, Lélia. “Por um Feminismo Afro-Latino-Americano” In *Pensamento Feminista Hoje — Perspectivas Decoloniais*, Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. Textos citados na nota: FRASER, Nancy. “How Feminism Became Capitalism's Handmaiden — And How to Reclaim It” In *The Guardian*, 2013, e BHANDAR, Brenna; SILVA, Denise Ferreira da. “White Feminist Fatigue Syndrome” In *Critical Legal Thinking*, 2013. A própria Nancy Fraser junto de outras teóricas feministas lançou um manifesto em favor de um feminismo capaz de articular, necessariamente, raça e etnia, classe e gênero, em diálogo com as pautas ecossocialistas. ARRIZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Thiti; FRASER, Nancy. *Feminismo para os 99%*. Lisboa: Objectiva, 2019.

²⁹ Sobre a problemática, ver também: ALMEIDA, Jaqueline Moraes. “Limites e Possibilidades do Feminismo Português na Primeira Década do Século XX, a Partir da Análise de ‘Alma Feminina’” In *Revista de História das Ideias*, Coimbra, V. 41, pp. 141–164, 2023.

³⁰ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: a Vontade de Saber*. São Paulo: Paz & Terra, 2014, p. 10.

Casas Toleradas da Cidade de Lisboa, promulgado em 1858 — pretendeu afastar a prostituta dos locais públicos visíveis “de maneira a salvaguardar a respeitabilidade e a decência aparente das mulheres ‘de bem’”³¹. José Pais, que estudou a questão em Lisboa, defendeu que o discurso moralista que condenava a prostituição, e que circulou tanto entre os adeptos da regulamentação da atividade como entre os chamados abolicionistas, foi mobilizado, entre outros motivos, pela preocupação com a propagação de doenças venéreas, especialmente entre pessoas em idade produtiva e reprodutiva³². No entanto, o projeto que pretendeu encerrar a sexualidade, confiando à família a “seriedade da função reprodutora” ao mesmo tempo em que tolerava os prazeres masculinos restritos “à alcova ou ao bordel”³³, encontrou dificuldade em se manter diante do visível avanço das contradições do sistema capitalista, incluindo o desenvolvimento do feminismo, por exemplo. No final do século XIX, a falência do regulamentarismo, isto é, da proposta que, grosso modo, apostava no controle das práticas da prostituição, cedeu lugar à corrente abolicionista, defendida por pessoas — incluindo um número importante de feministas — que “recusavam a legalização da prostituição, pois viam neste ato uma medida de repressão e de controle sobre as mulheres públicas”³⁴.

Em *Do Cabaré ao Lar*, Margareth Rago explica de forma clara as críticas desenvolvidas pelos abolicionistas ao modelo regulamentarista. Para eles,

[...] o antigo método de vigilância da prostituição comportava inúmeras falhas: em primeiro lugar, visava apenas à mulher, perseguindo-a por um tipo de relação em que o homem também estava envolvido. Ela era sequestrada e confinada em casas isoladas e especiais, fichada na polícia como prostituta profissional, vigiada severamente pela polícia e pelos médicos, acusada de ser transmissora de sífilis e de outras doenças venéreas, sofrendo sozinha toda a repressão de práticas intoleráveis para a sociedade, enquanto o homem ficava isento de qualquer responsabilidade. Além disso, o resultado do sistema regulamentarista então adotado foi o oposto do que se propusera: a prostituição clandestina aumentara a olhos vistos, tanto aqui quanto em outros países. [...] Mas o ponto sobre o qual incidia mais vigorosamente a crítica

³¹ PAIS, José Machado. *A Prostituição e a Lisboa Boémia do Século XIX a Inícios do Século XX*. Lisboa: Ambar, 2008, p. 43.

³² *Ibid.*, p. 46.

³³ *Ibid.*, p. 47.

³⁴ RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar: a Utopia da Sociedade Disciplinar e a Resistência Anarquista, Brasil (1890-1930)*. São Paulo: Paz & Terra, 2014, p. 145.

abolicionista aos regulamentaristas era que o registro legal das prostitutas prendia-as e impedia sua possível recuperação. A polícia de costumes era vista como uma máquina que transformava “putas ocasionais” em “putas eternas”: a prostituta inscrita acaba se tornando uma prisioneira perpétua da polícia³⁵.

Grosso modo, a mesma mudança que se verifica em Portugal e em outros países da Europa, relativamente à compreensão e ao tratamento conferido à prostituição, também ocorreu no Brasil, no Uruguai e, muito provavelmente, em outros países, especialmente durante as primeiras décadas do século XX. As associações e os congressos internacionais, tão comuns no período, foram imprescindíveis à tal confluência de ideias e de práticas.

Abolicionismo, por Arnaldo Brazão (1890–1968)

No quarto dia do Congresso Feminista e de Educação, Arnaldo Brazão, que também assumiu a função de secretariar o evento, apresentou a tese *Abolicionismo*, que foi, segundo o relatório, discutida por Angélica Porto (Presidente da Seção de Moral do CNMP), Domingas Lazary do Amaral (Secretária do Interior do Conselho) e Jaime de Gouveia, advogado. “A regulamentação da prostituição é um erro higiênico, uma injustiça social, uma monstruosidade moral e um crime jurídico” — tal foi a epígrafe eleita por Brazão para a sua tese, recordando as palavras da Federação Internacional Abolicionista³⁶.

Seu trabalho apresenta um formato típico, segmentado numa introdução — que, logo de início, sintetiza o abolicionismo como “educação moral”; numa justificativa, pautada na suposta escassez de estudos sobre o assunto, em Portugal³⁷; num estado da arte; no desenvolvimento de argumentos capazes de sustentar as suas afirmações; e na proposição de medidas alternativas ao regulamentarismo. O teor explicitamente feminista da tese encontra-se no relato acerca do processo de consolidação de uma associação focada em

³⁵ *Ibid.*, pp. 144-145.

³⁶ BRAZÃO, Arnaldo. *Abolicionismo*. Lisboa: Tip. da Casa Garrett, 1924, p. 3. A *International Abolitionist Federation* foi fundada em 1875, na cidade de Liverpool, pela feminista inglesa Josephine Butler.

³⁷ Entre as feministas portuguesas, o tema da prostituição ou escravatura branca aparece com recorrência desde, pelo menos, a década de 1910, acompanhando debates realizados no estrangeiro. A seguir, listamos alguns dos artigos sobre o assunto que foram publicados no *A Madrugada*, periódico da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas: PEREIRA, Avelina Correia. “A Prostituição” In *A Madrugada*, Ano II, n. 13, 1912, p. 3; FAZENDA JÚNIOR. “A Prostituição”, *A Madrugada*, Ano II, n. 15, 1912, p. 2; LIGA REPUBLICANA DAS MULHERES PORTUGUESAS. “Escravatura Branca” In *A Madrugada*, Ano II, n. 15, p. 3; SERPA, Maria P. Bastos. “A Prostituição” In *A Madrugada*, Ano II, n. 19, 1913, capa.

defender os argumentos abolicionistas. “Como vissem inúteis os seus esforços” — relacionados à oposição da lei regulamentarista de 1864, na Inglaterra — médicos, advogados e “outras pessoas de elevada categoria social” dirigiram-se à Josefina Butler que, após o convite,

[...] empreende a cruzada fundando a Associação Nacional de Damas Inglesas e vê colocarem-se a seu lado Florência Nightingale, M.me Lucas, irmã de Stuart Mill, Mrs. Bright, filha do dr. Bright, a célebre médica Inés Mac Laren que levou a sua propaganda até junto ao Papa Leão XIII, duquesa de Manchester, Crestina Alsop, Herbert Spencer, Stuart Mill, James Stansfeld, George Russel, os drs. Wood, Hodgson, Bell Taylor e tantos outros³⁸.

Além de Josephine Butler e de outras inglesas, Brazão recorda o envolvimento de feministas como Maria Deraismes (França) e de Concepción Arenal (Espanha) nas fileiras abolicionistas. O autor também referencia os estudos de Paulina Luisi, então membro permanente da Comissão Internacional do Tráfico de Brancas da Liga das Nações, para quem o regime da regulamentação era odioso, “porque ao mesmo tempo é favorável ao vício e implacável inimigo da mulher caída, é completamente oposto à sua missão de lei social repressiva”³⁹. Com essa atitude, o autor expressava que os argumentos de uma mulher, a Doutora Luisi, tinham o mesmo impacto e valor daqueles defendidos por médicos homens, como Ângelo da Fonseca, Silvio Rebelo e Félix Renault — também referenciados na tese.

Relativamente à argumentação em favor do abolicionismo, além da evocação de uma literatura desenvolvida por profissionais da medicina, Arnaldo Brazão apresenta uma tabela contendo dados estatísticos ingleses “respeitantes à sífilis, extraído dos *Army Medical Reports* e publicado por [Abraham] Flexner”, médico estadunidense⁴⁰. A ideia de Brazão era mostrar que o número de pessoas contaminadas com sífilis diminuiu consideravelmente depois que foram abolidas as leis regulamentadoras da prostituição.

Em seu livro *Catholicism, Race and Empire: Eugenics in Portugal (1900–1950)*, Richard Cleminson enfatiza que os problemas sanitários enfrentados por Portugal no período compreendido entre o final do século XIX e o início do

³⁸ BRAZÃO, op. cit., Abolicionismo, p. 4.

³⁹ Ibid., p. 11.

⁴⁰ Ibid., p. 8. Os dados estatísticos utilizados por Brazão também foram publicados no livro *Prostitution in Europe*: ABRAHAM FLEXNER. *Prostitution in Europe*. New York: The Century Co., 1919, pp. 372–373.

século XX, tais como a disseminação de doenças venéreas, permitiram uma aproximação dos princípios da eugenia reformista⁴¹. Esse modelo eugênico essencialmente ambientalista se caracterizava pela ênfase em medidas de saúde pública que visavam prevenir a transmissão de doenças e melhorar a qualidade genética da população. O psiquiatra português Miguel Bombarda, por exemplo, foi um dos primeiros a advogar que os perigos provenientes de estados adquiridos eram significativamente maiores do que os originados de casos de degeneração hereditária, evidenciando, mais uma vez, a considerável influência das ideias neolamarckistas no país: “As várias intoxicações, as múltiplas infecções, representam aqui um papel preponderante. Um alcoólico, um sífilítico, é muito mais perigoso para a progênie do que, eu sei, um simples alienado”⁴².

Nas conclusões de sua tese, Arnaldo Brazão afirma que a prostituição não era um delito, distanciando-se, portanto, de criminologistas como Césare Lombroso, que dizia que as prostitutas se caracterizavam “por sua fraca capacidade craniana e por mandíbulas bem mais pesadas que as das mulheres honestas”⁴³ ou, para citar um exemplo português, como o antropólogo Mendes Correia, que considerava que “Entre as prostitutas, como entre os criminosos, a degenerescência, as nevroses, as psicoses, especialmente a loucura moral, a histeria e a debilidade mental, espalham abundantes estigmatizações”⁴⁴ ⁴⁵. Também em suas conclusões, Brazão sugere uma profilaxia social que fosse capaz de oferecer assistência médica gratuita aos doentes venéreos e que funcionasse paralelamente à vulgarização de conhecimentos de higiene individual.

⁴¹ CLEMINSON, Richard. *Catholicism, Race and Empire: Eugenics in Portugal (1900-1950)*. Budapest: Central European University Press, 2014, pp. 62-65.

⁴² BOMBARDA, Miguel. “A Esterilização dos Degenerados” In *A Medicina Contemporânea*, V. 13, n. 5, 1910, p. 34.

⁴³ RAGO, op. cit., p. 138.

⁴⁴ CORREIA, Mendes. *Os Criminosos Portugueses: Estudos de Antropologia Criminal*. Coimbra: Tip. França Amado, 1914, p. 77.

⁴⁵ No mesmo estudo, entretanto, Mendes Correia considera a relevância do meio social para o desenvolvimento de certos criminosos. Para ele, algumas prostitutas seriam vítimas de condições, como “o abandono de família, maus tratos, miséria, sedução, amores infelizes, má ou nula educação, etc.”. *Ibid.*, pp. 77-78. De acordo com os estudos de Patrícia Ferraz de Matos, Mendes Correia foi um dos pioneiros a relacionar a eugenia com a teoria da degeneração lombrosiana e o neolamarckismo. Apesar de não concordar com todas as afirmações de Lombroso, Correia acatou de forma plena a noção de predisposição criminal herdada. Ao mesmo tempo, destacou os benefícios da educação para aqueles considerados dignos, argumentando que ela estimularia a consciência cívica, os bons hábitos de trabalho e, por fim, um estilo de vida saudável e eugênico. MATOS, Patrícia Ferraz de. *Anthropology, Nationalism and Colonialism: Mendes Correia and the Porto School of Anthropology*. New York: Berghahn Books, 2023, pp. 182-195.

A tese de Arnaldo Brazão foi aprovada e elogiada por Angélica Porto e Domingas Lazary do Amaral. Na moção desta última, chamamos a atenção para a seguinte afirmação que, junto de outras, legitimou a aprovação da tese pela comentarista: “Considerando que as medidas de caráter excepcional baseadas na diferenciação dos sexos são iníquas e atentatórias da liberdade individual⁴⁶” — pois retomaremos esse argumento em momento oportuno. Destoando do posicionamento dessas feministas, Jaime de Gouveia explicitou algumas discordâncias relativamente ao conteúdo da tese. Primeiramente, argumentou que “Se é impossível abolir a prostituição, se ela apesar de todas as proibições e castigos subsiste e se desenvolve, é porque faz parte do nosso meio social, é porque ela é um mal, um mal necessário como o disse Santo Agostinho”⁴⁷. Com tal argumentação, concluiu o debatedor que “se a prostituição é um mal necessário a sua regulamentação talvez o não agrave, antes o minore”⁴⁸. O relator da tese rebateu os comentários de Gouveia evocando novamente os dados emprestados do estudo de Flexner, concluindo que, “Se o abolicionismo não consegue diminuir o número de prostitutas, daqui ressalta logo à primeira vista, que pelo menos, faz diminuir o número dos sífilíticos o que já é alguma coisa”^{49 50}. Além disso, Brazão, numa atitude corajosa — pois que o Congresso Feminista e de Educação foi, conforme dissemos anteriormente, legitimado por autoridades republicanas —, aproveitou a oportunidade para lastimar que a legislação da República não apenas “deixou ficar o que era humilhante” como tornou “ainda mais opressivas e odientas as medidas já existentes” relativas à prostituição no país⁵¹.

Educação Sexual, por Paulina Luisi (1875–1949)

Dialogando com a tese de Brazão, sobretudo em sua preocupação quanto às doenças venéreas, Paulina Luisi apresentou o trabalho *Educação Sexual*, cujas conclusões, conforme explicitou a própria médica, foram debatidas e

⁴⁶ BRAZÃO, op. cit., O Primeiro Congresso Feminista..., p. 181.

⁴⁷ Ibid., p. 182.

⁴⁸ Ibid.

⁴⁹ Ibid., p. 184.

⁵⁰ Já em 1912, Avelina Pereira lamentou: “Mas há mulheres que desprezam as pobres extraviadas e há homens (homens? não: monstros!) que até dizem *que a prostituição é necessária!* Custa a crer mas é verdade. Por isso toda a guerra à prostituição é pouca. Trabalhemos para a emancipação das nossas irmãs, lutemos pela independência da mulher, pois que a mulher livre pelo pensamento e independente pelo trabalho, jamais descerá ao vil mister de prostituta”. PEREIRA, op. cit., p. 3.

⁵¹ BRAZÃO, op. cit., O Primeiro Congresso Feminista..., p. 183.

aprovadas em congressos anteriores — 1º Congresso Americano da Criança, de Buenos Aires, 1916; 2º Congresso de Medicina, de Montevideo, 1921; 3º Congresso Americano da Criança, do Rio de Janeiro, 1922; e Congresso Internacional de Higiene Social, de Paris, 1923. Na tese em questão, Luisi define e repete de forma insistente o que compreende por educação sexual: “é a ação pedagógica que pretende submeter o instinto sexual à ação da vontade sob o domínio da inteligência instruída, consciente e responsável”⁵². A partir dessa conceitualização, ela estabelece uma metodologia que integra o “conhecimento das coisas” — isto é, o conhecimento da vida e de suas respectivas leis, possibilitado por meio de disciplinas como a História Natural, a Botânica, a Zoologia, a Anatomia e a Fisiologia — e o “conhecimento moral das questões sexuais”. Apesar de não oferecer explicações sobre este último tipo de conhecimento, ela referencia um estudo, também de sua autoria, em que a questão foi melhor trabalhada. Seguindo essas pistas, do artigo “Plan e Métodos de Enseñanza Sexual”, publicado no *Acción Femenina*, periódico do Consejo Nacional de Mujeres del Uruguay, recuperamos uma breve síntese em que Luisi distingue os conceitos de instrução — equivalente ao que, na tese, denominou como o conhecimento da vida — e educação sexual:

Hay que establecer, pues, dos grandes capítulos en la llamada Enseñanza sexual: la instrucción sexual que corresponde a los conocimientos científicos relativos a la materia, y la educación sexual que, penetrando en los dominios de la ética encierra en sus lecciones el evangelio de una nueva moral, basada en el respeto humano y en la responsabilidad individual dentro de la vida colectiva, educación que debe desarrollar como fundamentales para el cumplimiento de la moral que enseña, dos grandes y poderosas virtudes en la fuerza de la voluntad: el carácter y el sentimiento de la responsabilidad⁵³.

No texto *Algunas ideas sobre Eugenia*⁵⁴, de 1916, Paulina Luisi já expressava sua afinidade pelo modelo eugênico francês, especialmente aquele promovido pelo vice-presidente da Sociedade Francesa de Eugenia, Adolphe Pinard, médico obstetra reconhecido como um dos precursores da puericultura na Europa e um dos maiores especialistas do mundo em cuidados pediátricos intrauterinos⁵⁵:

⁵² LUISI, Paulina. *Educação Sexual*. Lisboa: Tip. da Casa Garrett, 1924, p. 3.

⁵³ LUISI, Paulina. “Plan y Métodos de Enseñanza Sexual” In *Acción Femenina*, Año IV, n. 27, 1920, p. 14.

⁵⁴ LUISI, Paulina. *Algunas Ideas Sobre Eugenia*. Montevideo: El Siglo Ilustrado, 1916.

⁵⁵ DUNN, Peter M. “Adolphe Pinard (1844–1934) of Paris and Intrauterine Paediatric Care” In *Archives of*

La Eugenia en una de sus aplicaciones prácticas trata, precisamente, de civilizar este instinto de la generación, encaminándolo a la producción de descendientes que señalen un progreso sobre sus antecesores. Estas palabras también sintetizan el concepto de la Eugénica de Pinard, el viejo campeón de la puericultura, que no podía limitar su tarea al cultivo del niño durante la gestación y después del nacimiento⁵⁶.

Pinard pleiteava que a proteção e o acompanhamento maternos durante a gravidez eram fundamentais para a saúde do feto (puericultura intrauterina) e, posteriormente, do recém-nascido (puericultura extrauterina). Contudo, o médico francês almejava que a puericultura transcendesse os cuidados pré e pós-natais maternos. Em seu texto de 1899, *De la Conservation et de l'Amélioration de l'Espèce*, ele delineou um amplo programa de eugenia médica baseado na “puericultura pré-concepcional”⁵⁷. Essa forte ênfase na saúde e no valor hereditário dos pais foi expressa por meio da linguagem pró-natalista tradicional e neolamarckista, sintetizada nos conceitos de “Eugênica” (estudo das práticas eugênicas, com foco na compreensão de seus métodos) e “Eugénica” (divulgação das condições ideais de reprodução para sua aplicação eficaz, visando conservar e aprimorar a espécie humana). Esses conceitos foram especialmente valorizados entre os eugenistas de países latinos⁵⁸.

Para Adolphe Pinard, a missão da puericultura consistia em determinar os meios para preservar e melhorar a espécie humana, tanto por meio da seleção dos pais antes da concepção, quanto através do cuidado adequado com a mãe e a criança. Em outubro de 1922, respondendo ao convite da Sociedade Belga de Eugenia, Pinard proferiu uma conferência em que salientou que os objetivos da puericultura só poderiam ser atingidos por meio de uma campanha de “educação sexual racional”⁵⁹. Essa perspectiva foi igualmente compartilhada por Paulina Luisi.

Nas conclusões da tese apresentada ao Congresso de Lisboa, Luisi propôs diretrizes pedagógicas para a implementação do ensino sexual nas escolas:

Disease in Childhood: Fetal and Neonatal, n. 91, pp. 231-232, 2006.

⁵⁶ PAULINI, op. cit., Algumas ideias sobre eugenia, p. 7.

⁵⁷ PINARD, Adolphe. “De la Conservation et de l'Amélioration de l'Espèce” In *Revue Scientifique*, V. 1, pp. 167-174, 1899.

⁵⁸ Sobre a eugenia latina, ver: TURDA, Marius; GILLETTE, Aaron. *Latin Eugenics in Comparative Perspective*. London: Bloomsbury, 2014.

⁵⁹ APERT, Eugène. “Les Journées Eugéniques Internationales de Bruxelles et la Fondation de la Ligue Nationale Belge Contre le Péril Vénérien” In *Paris Médical*, n. 46, pp. 322-333, 1922.

II

A **Educação Sexual** deve começar desde o despertar da inteligência da criança e deve prosseguir, a partir da escola maternal, durante toda a duração da vida escolar. [...]

III

A **Educação Sexual** é ao mesmo tempo a obra da família e da escola [...].

VII

A **Educação Sexual** não deve existir como uma matéria especial nos programas escolares [...]. As noções que compreendem devem confundir-se nas matérias à quais pertencem, amalgamadas por assim dizer, com o resto das nações [sic] correlativas análogas, disseminadas nos programas de História Natural, Fisiologia, Anatomia, Higiene, Profilaxia e Moral. [...]

X

Não deve estabelecer-se nenhuma diferença no ensino de ambos os sexos [...]. As escolas masculinas e femininas devem ter os mesmos programas enquanto o seja possível alcançar o *desideratum* da educação racional: A Coeducação⁶⁰.

Analisando a produção de Paulina Luisi sobre o tema da educação sexual, Fernanda Cedrani e Santiago Zemaitis chamaram a atenção para o fato de que era a partir do conhecimento médico que a incursão e a recomendação de normas de conduta às populações se justificavam⁶¹. A dupla evidencia como as ciências biológicas, a eugenia e a moral se confundiam no discurso da médica uruguaia:

Según Luisi, la preocupación por la higiene y la moral eran “la necesidad de la salud física y psíquica” y en defensa de la salud es que se dictaminaban principios de orden moral. Expresaba que “La moral debe fundarse en la ciencia”. Nuevamente sexualidad, moral y reproducción quedaban fuertemente asociadas en su propuesta⁶².

Então, apesar de soar disruptiva para algumas pessoas da altura⁶³, por tratar publicamente de temáticas tradicionalmente relegadas à esfera do

⁶⁰ LUISI, op. cit., Educação sexual, pp. 5-7.

⁶¹ CEDRANI, Fernanda Sosa; ZEMAITIS, Santiago. “Educación sexual, eugenesia y moral en el pensamiento de Paulina Luisi. La experiencia de la cátedra de Higiene Social (Uruguay, 1926-1930)” In *Mora*, Buenos Aires, n. 27, pp. 7-26, 2021, p. 14.

⁶² *Ibid*, p. 14.

⁶³ No Congresso Feminista e de Educação, após a apresentação da tese da Doutora Luisi, Adelaide Cabete assumiu a palavra, pretendendo dar o assunto por encerrado: “Em homenagem à ilustre relatora e grande

privado e por defender projetos como o da coeducação, Luisi, ao fim e ao cabo, não abdicou da ideia de “função natural”, responsável, desde Rousseau⁶⁴ pelo menos, pela submissão feminina à função reprodutiva. Ao invés de livrar a mulher dessa condição, ela e outros intelectuais do período tentaram, especialmente a partir de seus discursos, submeter também o homem aos desígnios da natureza, com foco na preservação e no melhoramento da raça. Assim, e recuperando o questionamento feito por Foucault, notamos que o período que explora sistematicamente a força de trabalho — pensemos na força de trabalho de maneira ampla e diversificada, abrangendo contingentes de trabalhadores e trabalhadoras presentes nas fábricas, nas fazendas de monocultura, nas minas coloniais, nos espaços domésticos etc. — coincide com o momento de aprimoramento das tecnologias do sexo, especialmente representadas pela medicina e pelos programas de eugenia. Isso porque, como observou Foucault, a análise da hereditariedade, a partir da segunda metade do século XIX, “colocava o sexo (as relações sexuais, as doenças venéreas, as alianças matrimoniais, as perversões) em posição de ‘responsabilidade biológica’ com relação à espécie”⁶⁵. Unindo o útil — a necessidade de corpos saudáveis e disciplinados — ao agradável — o controle do movimento de mulheres —, as ciências do período ajudaram a legitimar um discurso que, na aparência, elevou a mulher à categoria de emancipada, uma vez que lhe foi confiada a missão que parecia a mais importante naquele contexto: a de zelar pelo futuro e melhoramento da raça.

A Luta Anti-Alcoólica nas escolas, por Adelaide Cabete (1867–1935)

A tese de Adelaide Cabete, *A Luta Anti-Alcoólica nas Escolas*, evidencia alguns dos argumentos já desenvolvidos⁶⁶. Seguindo uma estrutura semelhante

amiga de Portugal, Dr^a Paulina Luisi, eu proponho que esta tese fosse aprovada por aclamação. (*Aplausos*)”. No entanto, um homem, Manuel da Silva, fez o seguinte apontamento: “Desejo acentuar que a aprovação desta tese sem discussão envolve responsabilidades e chego à conclusão que o Congresso entra a defender o livre arbítrio”. Mas a tese, pelo menos segundo o relatório de Brazão, acabou sendo aprovada por aclamação. BRAZÃO, op. cit., O Primeiro Congresso Feminista..., p. 198.

⁶⁴ ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou Da Educação*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

⁶⁵ FOUCAULT, op. cit., p. 128.

⁶⁶ É relevante destacar que Adelaide Cabete foi aluna de Miguel Bombarda no curso de Fisiologia e Histologia, na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa. Conforme já mencionado, Bombarda tinha afinidade com as teorias sobre os estados adquiridos e via o álcool como um dos principais agentes da degeneração. Em um artigo publicado em 1904, ele chegou a defender a criação de uma legislação que proibisse o casamento entre indivíduos considerados “tarados”, incluindo alcoólatras, sífilíticos e pessoas com deficiência mental. BOMBARDA, Miguel. “Degenerescência das Raças” In *A Medicina Contemporânea*, V. 7, n. 32, 1904, p. 254. Em 1910, na Câmara dos Deputados, o tema foi debatido por Duarte Gustavo de Roboredo Sampaio e Mello,

aos dos textos de Brazão e Luisi, o trabalho de Cabete apresenta uma definição médica do alcoolismo, seguida por uma listagem dos principais males causados pela doença, sendo o maior deles, segundo a relatora, a transmissão à prole do alcoólatra de “condições várias de receptividade de doenças, como o pauperismo e lesões atávicas de tal gravidade que os descendentes acabam por serem uns abortos humanos ou uns monstros sociais”⁶⁷. Para legitimar seu ponto, a médica apresenta estatísticas desenvolvidas por Charrin [sic], que constatou que, num hospital de crianças, 80% dos enfermos eram filhos de “alcoólicos”⁶⁸. Tal como o sobrinho, Cabete apresenta uma postura liberal, rejeitando a atuação direta do Estado na solução do problema do alcoolismo. Para ela, a saída envolveria a ampliação da oferta de tratamento aos doentes, o melhoramento das condições da classe trabalhadora (aumento dos salários, moradias higiênicas, promoção de lazer etc.) e, fundamentalmente, um projeto educativo voltado ao público em idade escolar:

É preciso gravar no cérebro das crianças os malefícios do álcool, porque os resultados que nós temos em vista são mais seguros do que a propaganda feita entre os adultos. Nestes, muitos há que estão tão habituados ao álcool que não podem passar sem ele, é para eles uma necessidade fisiológica, enquanto que a criança, ainda livre de tal vício, é um excelente campo para nela se desenvolver o medo pelo álcool. Daqui a grande missão do Educador nesta luta sem tréguas em que andam empenhados milhares e milhares de boas vontades, milhares de corações bondosos⁶⁹.

Sabendo que no final do século XIX houve um processo de feminização do ensino primário em vários países, inclusive em Portugal⁷⁰, será, mais uma vez, a mulher a encarregada de solucionar os problemas associados à

que defendeu a proibição do casamento entre indivíduos considerados degenerados. Ele sustentava que o Estado não deveria permitir a união conjugal de sífilíticos, tuberculosos, leprosos, alcoólicos crônicos, epiléticos e cardíacos. Embora a proposta não tenha sido aprovada, ela evidencia a preocupação com a decadência fisiológica da raça portuguesa e, simultaneamente, a mobilização de mecanismos de biopoder com o intuito de regenerar as futuras gerações. SERRADO, Ricardo Fernando Fontes Jesus. *O Problema Corpo-Mente no Portugal Contemporâneo: para uma Epistemologia do Desporto (1870-1910)*. Tese (Doutorado em História)—Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa, 2021, p. 192.

⁶⁷ CABETE, Adelaide. *A Luta Anti-Alcoólica nas Escolas*. Lisboa: Tip. da Casa Garrett, 1924, p. 3.

⁶⁸ Ibid, p. 4. Provavelmente, “Charrin” seja, na verdade, Élisée Charra, autor do estudo *Contribution à l'Étude de l'Alcoolisme Hérititaire*, publicado em 1906.

⁶⁹ CABETE, op. cit., p. 6.

⁷⁰ ADÃO, Áurea. “A História da Profissão Docente em Portugal: Balanço da Investigação Realizada nas Últimas Décadas” In *Encontros Ibéricos de História da Educação*, Porto, V. 1, pp. 123–135, 1992, p. 125.

“destruição do lar” e à geração de “frutos disformes”. A própria Cabete, ao historicizar a luta antialcoólica, destaca o envolvimento feminino, “não porque ela [a mulher] seja mais viciosa, mas porque ela que mais diretamente sofre e sente as intemperanças do homem a quem ligou a sua vida”⁷¹.

A mulher naturista, por Julieta Ribeiro (s/d)

A tese desenvolvida por Julieta Adelina Menezes Rodrigues Ribeiro, autora do livro *Culinária Vegetariana, Vegetalina e Menús Frugívoros*, apresenta formato que destoa das demais analisadas, uma vez que é um compilado de proposições. Apesar disso, seu trabalho dialoga fortemente com as teses de Brazão, Luisi e Cabete, uma vez que propõe que a dieta natural⁷², sem consumo de carne, seria capaz de prevenir males sociais, como o alcoolismo e a sífilis, por exemplo. Mas a maior parte das proposições da autora estabelece a correspondência entre o elemento feminino, a regeneração da raça e a moralização da sociedade: “A felicidade humana só pode ser obra da mulher, detentora das conquistas do saber, edificando o lar moderno nas ruínas do passado”, “Das filhas, irmãs, mães e esposas deve partir o grito de redenção universal” etc.⁷³.

A valorização do conhecimento e da educação feminina, expressa na ideia de que a felicidade humana só pode ser alcançada quando a mulher é dona das conquistas do conhecimento, ecoa as propostas eugênicas que viam nas mulheres educadas e saudáveis um elemento fundamental para o fortalecimento da nação. Essa perspectiva também se alinha com o movimento higienista europeu, que defendia a higiene individual como um dos meios para a melhoria da saúde coletiva. Ademais, o vegetarianismo, ao defender uma dieta natural, tinha como objetivo prevenir problemas sociais, como o alcoolismo e a sífilis, refletindo os princípios da eugenia reformista⁷⁴.

⁷¹ CABETE, op. cit., p. 4.

⁷² *O Vegetariano*, periódico fundado e editado pelo marido de Julieta, Jerónimo Caetano Ribeiro, publicou uma lista das vantagens da alimentação natural, que incluía os seguintes pontos: “8 - Vence a embriaguez; 10 - Clarifica a mente; 11 - Fortifica a vontade; 12 - Suaviza o caráter; 13 - Evita o crime; 15 - Liberta a mulher da cozinha; 16 - Provoca a alegria na família; 17 - **Impede o divórcio**; 18 - Impede todos os males sociais”. ANGELATZ Y ALBORNA, Juan. “Vantagens da Alimentação Natural” In *O Vegetariano*, Porto, V. 13, n. 9 e 10, 1922, p. 178. A divulgação de uma vantagem relacionada à manutenção do casamento, destacada por nós, evidencia a recorrência de um dos valores morais do período que, grosso modo, associava o divórcio a certo descomprometimento da mulher em salvar a sua família, ainda que esta fosse constituída, por exemplo, por um marido alcoólatra e violento.

⁷³ A tese de Julieta Ribeiro também foi publicada na revista *O Vegetariano*: RIBEIRO, Julieta. “Defesa da Tese Naturista” In *O Vegetariano*, V. 15, n. 9 e 10, pp. 19-23, 1924, p. 1.

⁷⁴ Para compreender a história do vegetarianismo, bem como suas relações com a eugenia e o higienismo, ver: BRAGA, Isabel Drumond. “Em Busca do Novo Éden no Século XX: os Portugueses e a Fundação de

Na tese apresentada, Julieta Ribeiro exalta as qualidades do seu sexo, contrastando-as à “ferocidade da guerra” e à “ambição desordenada do mando” — características associadas ao masculino —, mas faz isso sem questionar uma suposta essência ou natureza feminina, baseadas, por exemplo, em características como a bondade, a sensibilidade e a compaixão. Além disso, seu discurso naturista, aparentemente avesso a qualquer barbárie e permeado por uma moral civilizatória, torna-se expressivamente incoerente diante da exaltação da violência colonial. Ela escreve, em determinado momento da tese:

Na expansão da nacionalidade tem sempre o homem de solicitar o auxílio indispensável da mulher. Como poderá Portugal colonizar a planície do Alentejo e o vasto império colonial africano? De certo, encontrando apoio decidido na mulher portuguesa, que tantas vezes tem afirmado o seu patriotismo e o seu valor social⁷⁵.

Para terminar, apresentamos outra incoerência, talvez a mais evidente, presente na tese da naturista: apesar de a mulher ser insistentemente apontada como o principal agente de regeneração física e de moralização social, o desejável, ao fim e ao cabo, era uma República “máscula, forte e virtuosa” — atributos masculinos —, resultante da engenhosa concepção de cidadãos biologicamente perfeitos⁷⁶.

Educação dos Indígenas nas Colônias e suas Vantagens, por Domingas Lazary do Amaral (1883–1954)

Resta-nos analisar a tese de autoria de Domingas do Amaral que, propositalmente, deixamos para o final, uma vez que o conteúdo evidencia: I) que algumas pessoas partidárias da emancipação feminina — incluindo, evidentemente, algumas feministas — acabaram por se perder nas discussões sobre os determinismos biológicos, caindo em contradições⁷⁷; II) e que algumas

Colônias Naturistas no Brasil” In *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, V. 25, n. 3, pp. 659-678, 2018; BERNARDINO, Maria Gabriela; CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. “Sociedade Vegetariana Brasileira: Tópicos sobre Eugenia, Moral e Higiene por Meio da Trajetória de Francisco Jaguaribe (1917-1923)” In *Outros Tempos: Pesquisa em Foco - História*, V. 21, n. 37, pp. 10-32, 2024.

⁷⁵ RIBEIRO, op. cit., p. 2.

⁷⁶ *Ibid.*, p. 3.

⁷⁷ Utilizando uma definição de feminismo — “resistência das mulheres em aceitar papéis, situações sociais, econômicas, políticas, ideológicas e características psicológicas que tenham como fundamento a existência de uma hierarquia entre homens e mulheres, a partir da qual a mulher é discriminada” —, Lélia Gonzalez propõe a substituição dos termos “homens” e “mulheres” por “brancos e “negros”, respectivamente, para se ter uma boa definição da luta antirracista. Essa correspondência de significado, ela explica,

daquelas pessoas, ao participar de certas negociações, contribuíram no culto à uma domesticidade aparentemente moderna e higiênica que, além de ter mantido a mulher num lugar social relacionado à sua função fisiológica, parece ter sido fundamental à consolidação de uma identidade nacional que, no caso português, teve o colonialismo como elemento importante.

Antes de levantarmos os principais pontos da tese, precisamos situá-la: concomitantemente à aplicação de uma nova legislação republicana que, entre outros aspectos, definiu as regras da administração colonial e estabeleceu o estatuto jurídico dos chamados indígenas, estava em voga uma “ideologia colonialista moderna, baseada nos trabalhos da Sociedade de Geografia [...] e que se disseminou por toda a sociedade portuguesa”⁷⁸. José Luís Garcia, estudioso da produção intelectual do jornalista e ativista anticolonial Mário Domingues⁷⁹, defendeu que os vetores fundamentais de tal construção ideológica “foram a ideia da vocação colonial civilizadora dos portugueses, altruisticamente levada aos africanos, e o paternalismo humanitário em relação aos negros”⁸⁰.

“Resultado da vivência de educadora em Angola”⁸¹, a tese de Domingas do Amaral defende um projeto de educação aos povos indígenas das colônias portuguesas liderado e praticado por um contingente de pessoas bem-preparadas e que pudesse servir de bom exemplo aos colonizados. Por essa razão, a educadora, nas conclusões da tese, reivindica que o Depósito Geral de Degredados de Angola fosse substituído por colônias agrícolas afastadas de Luanda. Na esteira da tal ideologia colonialista moderna, Amaral exorta que não fossem enviados soldados para submeter os colonizados, uma vez que estes, ao invés de chamá-los à razão

ocorre porque tanto o racismo como o machismo partem das diferenças biológicas para se estabelecerem como ideologias de dominação. GONZALEZ, op. cit., p. 55. Recorde-se que, ao comentar a tese de Brazão, Domingas Lazary defendeu que “medidas de caráter excepcional baseadas na diferenciação dos sexos são iníquas e atentatórias da liberdade individual”. BRAZÃO, op. cit., O Primeiro Congresso Feminista..., p. 181.

⁷⁸ DOMINGUES, Mário. *A Afirmação Negra e a Questão Colonial. Textos, 1919-1928*. Lisboa: Tinta da China, 2022, p. 51.

⁷⁹ Mário Domingues (1899-1977) foi um jornalista, cronista, tradutor e escritor que militou pela afirmação negra e pelo anticolonialismo. Ele e Domingas do Amaral compartilham elementos identitários comuns: ambos nasceram em territórios coloniais — o primeiro em São Tomé e Príncipe, e a segunda em Angola; além disso, eram filhos de mães africanas e de pais portugueses. Ver: ROLDÃO, Cristina et al. *Tribuna Negra: Origens do Movimento Negro em Portugal (1911-1933)*. Lisboa: Orfeu Negro, 2023, p. 127. Como “miscigenada”, é provável que Domingas do Amaral tenha ocupado diferentes posições na régua do poder das relações humanas: superior aos indígenas das colônias e, ao mesmo tempo, insuficientemente branca para, por exemplo, tratar de outras temáticas recorrentemente discutidas entre as feministas da metrópole.

⁸⁰ DOMINGUES, op. cit., p. 51.

⁸¹ CASTRO, Zília Osório de; ESTEVES, João. *Dicionário no Feminino (Séculos XIX-XX)*. Lisboa: Livros Horizonte, 2005, p. 283.

[...] com arma mortífera que arrasa as suas cubatas, excitam o seu instinto guerreiro, e ao mesmo tempo que a espada, aparentemente o aniquila vai dando vida a um novo sentimento de vingança, que, cedo ou tarde, se torna em arma terrível contra o seu vencedor. Isto é da História. A Mãe Pátria deve procurar conquistar um amigo em cada indígena, e não um inimigo de quem tenha a temer as iras desencadeadas⁸².

Com exceção de uma breve parte da tese em que se dedica a narrar, quase aos moldes de um viajante europeu ou jesuíta dos séculos XVI e XVII, a excessiva indolência dos indígenas⁸³, Domingas do Amaral dedica pouca atenção às mulheres colonizadas. Sobre elas, afirma que, a despeito de trabalharem mais do que os homens — “À mãe indígena cabe exclusivamente o pesado encargo de sustentar a sua, por vezes, numerosa prole” —, fazem tudo “sem a mais leve sombra de critério”⁸⁴. Além das diferenças relacionadas à organização familiar, a autora deixa transparecer outras, sempre estabelecendo hierarquias, por exemplo, quando faz distinções entre as que fazem o serviço doméstico e as que mandam, e entre as limpas e as sujas: “[...] lembro-me, íamos dizendo da luta que tínhamos que sustentar para conseguir, das criadas, que enxugassem a louça às toalhas competentes: sendo apropriado para elas, o primeiro farrapo sujo e esburacado que se lhe deparava no chão”⁸⁵.

Em *Couro Imperial*, Anne McClintock propõe o desenvolvimento de uma história social do sabão — segundo ela, obliterada até então por se tratar de um produto associado ao reino feminino da domesticidade — a fim de refletir sobre o valor doméstico das mulheres no capitalismo industrial. Então, estudando o caso inglês, ela notou que, na última década dos Oitocentos, as vendas de sabão estouraram, enquanto a “propaganda surgira como forma cultural central do capitalismo mercantil”⁸⁶. Um dos anúncios analisados por McClintock foi um da marca *Pears Soap*, dividido em duas partes e protagonizado por dois meninos, um sabão e um espelho. Na parte superior, o garoto branco, vestindo um avental branco, oferece um sabão ao garoto negro que,

⁸² AMARAL, Domingas Lazary. *Educação dos Indígenas nas Colônias e suas Vantagens*. Lisboa: Tip. da Casa Garrett, 1924, pp. 13-14.

⁸³ bell hooks chama atenção para isto: “Quando se fala de gentes negras, a atenção tende a recair nos *homens* negros; quando se fala de mulheres, a atenção tende a recair nas mulheres *brancas*. Isto é particularmente flagrante no vasto *corpus* da literatura feminista”. hooks, bell. *Não Serei eu Mulher?*. Lisboa: Orfeu Negro, 2018, p. 26.

⁸⁴ AMARAL, op. cit., p. 11.

⁸⁵ *Ibid.*, p. 12.

⁸⁶ MCCLINTOCK, op. cit., p. 311.

de dentro de uma banheira, olha assustado para a água. Na parte inferior do anúncio, já fora da banheira e com o órgão sexual coberto por uma toalha branca, o garoto olha para um espelho segurado pelo outro personagem: tem o rosto, lugar da identidade, ainda negro, mas as demais partes de seu corpo mudaram de cor, embranqueceram. Na leitura de McClintock,

O menino branco aparece [...] como agente da história e o herdeiro masculino do progresso, mostrando o reflexo de seu irmão “inferior” no espelho europeu da autoconsciência. No espelho vitoriano, o menino negro testemunha seu destino predeterminado de metamorfose imperial, mas continua um híbrido racial passivo, parte branco, parte negro, levado à beira da civilização pelos fetiches mercantis gêmeos do sabão e do espelho⁸⁷.

Em sua tese, Domingas do Amaral relata os hábitos dos africanos que, resumidamente, viviam, segundo ela, em “em completo estado das primitivas eras”:

Tem por habitação uma cubata infecta, sem luz, sem ar, sem o menor conforto, mesmo para as mais exíguas necessidades [...]. Vive tudo numa promiscuidade revoltante; e ele desconhece, em absoluto, as mais rudimentares regras de higiene. [...] Por vestuário, usa o indígena, o corpo nu; e em vez da parra com que se cobriu o velho pai Adão da Bíblia, depois de haver pecado, o negro traz um farrapo ou a pele da última corça que matou⁸⁸!

É verdade que, a partir de tal relato, a autora joga luz sobre a incompetência do empreendimento secular colonial português (ou sobre a resistência dos povos africanos), mas o que nos interessa é perceber e refletir, tal qual McClintock, sobre quais foram os agentes e os mecanismos imprescindíveis ao imperialismo, ou por que razão uma tese como a de Domingas do Amaral, que nem ao menos pretendeu tratar as particularidades das mulheres colonizadas, teve espaço e relevância em um congresso essencialmente feminista. Nesse sentido, uma história social do sabão, em Portugal, parece-nos útil.

Domingas do Amaral, ao defender um projeto educacional para os povos indígenas das colônias portuguesas, reflete uma mentalidade que não apenas busca a dominação, mas também uma suposta “civilização” dos colonizados. Contudo, ao analisarmos essa questão a partir das ideias da antropóloga Ann Laura Stoler, percebemos que essa “civilização” não é apenas um esforço

⁸⁷ Ibid., p. 317.

⁸⁸ AMARAL, op. cit., p. 9.

educacional, mas também uma forma de exercer o poder colonial sobre todas as esferas da vida das populações dominadas, inclusive suas práticas sexuais e identidades raciais. Stoler defende que a gestão discursiva dessas atividades, entre colonizador e colonizado é crucial para a manutenção da “ordem colonial das coisas”⁸⁹. Além disso, a branquitude e a sua preservação, explicitadas nos anúncios de sabonetes, por exemplo, são elementos fundamentais do poder colonial, não somente como parte da identidade burguesa, mas também como expressão do biopoder europeu. As diferenças raciais e sexuais são mantidas e reforçadas mediante uma “gramática da diferença” simbólica, material e discursiva⁹⁰. Portanto, podemos perceber que a educação colonial está inserida em um contexto mais amplo de poder e dominação, onde a gestão das práticas sociais é parte integrante do projeto imperialista.

Considerações finais

Em 1872, o *Harper's Weekly* publicou um *cartoon* de autoria de Thomas Nast: no primeiro plano, uma figura diabólica feminina segura um cartaz contendo a mensagem “Be saved by free love”⁹¹; ela olha para trás, em direção à outra figura feminina que, no segundo plano, caminha com muita dificuldade para o alto de uma montanha pedregosa, carregando em suas costas um homem bêbado e duas crianças pequenas⁹². A imagem acompanha o texto: “GET THEE BEHIND ME, (MRS.) SATAN! – [see page 143]. Wife (with heavy burden) ‘I’d rather travel the hardest path of matrimony than follow your footsteps’”⁹³.

⁸⁹ STOLER, Ann Laura. *Race and the Education of Desire: Foucault's History of Sexuality and the Colonial Order of Things*. Durham: Duke University Press, 1995, p. 5.

⁹⁰ *Ibid.*, pp. 39-41.

⁹¹ “Seja livre por meio do amor livre” (livre tradução).

⁹² GET THEE BEHIND ME, (MRS.) SATAN!, *Harper's Weekly*, V. XVI, n. 790, 1872, p. 140.

⁹³ “FIQUE LONGE DE MIM, (SRA.) SATANÁS! – [ver a página 143]. Esposa (com um pesado fardo) ‘Eu prefiro percorrer o caminho mais difícil do matrimônio, do que seguir os seus passos’”.

Victoria Woodhull, caricatura, por Thomas Nast.



O objetivo da publicação, segundo uma nota do próprio periódico (“page 143”), era o de transmitir uma lição de moral àqueles que, porventura, pudessem vir a ser tentados a aceitar as doutrinas perniciosas da escola do amor livre⁹⁴. A nota explica, ainda, que a figura satânica, “Mrs.,” havia sido inspirada em uma liderança que advogava em favor dos direitos da mulher e que, na

⁹⁴ Ibid., p. 143.

altura, circulava pelos Estados Unidos ministrando conferências. Além de se pronunciar a favor do divórcio, “Mrs. Satan”, ainda segundo o *Harper’s Weekly*, declarava em tais *meetings* sua escolha pelo amor livre: “Yes, I am a free-lover. I have an inalienable, constitutional, and natural right to love whom I may; to love as long or as short a period as I can; to change that love every day if I please”⁹⁵ ⁹⁶. Respondendo a tal postura, questionou o autor da nota: “If this mischievous talk does not emanate from Satan, whence does it come?”⁹⁷ ⁹⁸.

O *cartoon* de Nast tem como título “Victoria Woodhull, caricature” — a “satanás” que, também na imprensa brasileira, foi apresentada como uma oradora que defendia, diante de uma plateia majoritariamente composta por mulheres, que o matrimônio era uma escravidão⁹⁹ ¹⁰⁰. Recuperamos essa caricatura, publicada aproximadamente meio século antes do Primeiro Congresso Feminista e de Educação, porque ela pode evidenciar e sintetizar imagetivamente um projeto desenvolvido a longo prazo e que se materializou, por exemplo, em diversas das teses defendidas em Lisboa e aqui problematizadas; projeto baseado numa superficial valorização social da mulher disposta a assumir, seguindo as diretrizes dos “donos do saber”, o pesado fardo da família. Vale lembrar que o contexto pós-Primeira Grande Guerra explicita a radicalização das velhas instituições frente ao desenvolvimento de novas formas de organização e de compreensão do mundo, exemplificadas pela Revolução Russa e pelos movimentos anticoloniais. Assim, o projeto de emancipação feminina baseado em transformações mais profundas — esboçado desde, pelo menos, a década de 1890 em Portugal e focado, por exemplo, na emancipação financeira da mulher a partir do trabalho valorizado socialmente, fator *sine qua non* para a obtenção de outras liberdades — cedeu lugar, pelo menos no âmbito de um feminismo institucionalizado, à uma perspectiva retrógrada, em que a mulher continuava, a despeito de uma roupagem moderna, presa à sua condição meramente biológica.

⁹⁵ Ibid.

⁹⁶ “Sim, eu sou uma livre amante! Eu tenho um inalienável, constitucional e natural direito de amar quem eu quiser; amar por um período mais longo ou curto que eu conseguir; de trocar aquele amor todo o dia, se eu quiser”.

⁹⁷ Ibid.

⁹⁸ “Se essa conversa maliciosa não vem de Satanás, de onde ela vem?”.

⁹⁹ DIÁRIO DE NOTÍCIAS. “Sem título”, Ano III, n. 416, 1872, p. 3.

¹⁰⁰ Victoria Woodhull (1838–1927) foi a primeira mulher a concorrer à Presidência nos Estados Unidos e a primeira corretora de valores em Wall Street. Ver: BRANDMAN, Mariana. “Victoria Woodhull” In *National Women’s History Museum*, 2022. Disponível em: <www.womenshistory.org/education-resources/biographies/victoria-woodhull>. Acessado em Junho de 2024.

No caso europeu, guardadas as particularidades de cada país, enquanto o homem branco tomava o fardo da empreitada neocolonial “sem a mão-de-ferro dos reis/ Mas, sim, servir e limpar — / A história dos comuns”¹⁰¹, a mulher branca, sua complementar, carregava o fardo de civilizar, primeiramente, a família (micro-Estado), e depois as demais “crianças”, nomeadamente, os menores de idade, na metrópole, e os indígenas, nas colônias. E como poderiam fazer isso? A partir do “sabão”, esse instrumento também metafórico utilizado para fazer referências às técnicas e às práticas higienistas e eugenistas. Em um cenário marcado pela crescente importância dada à influência do meio ambiente, especialmente no que tange aos caracteres adquiridos, o papel feminino foi considerado crucial na formação de um Estado nacional de “raça forte”. As mulheres, vistas como guardiãs da moralidade e da saúde familiar, foram incentivadas a adotar práticas higiênicas rigorosas e a educar seus filhos de acordo com esses preceitos, reforçando a ideia de que a regeneração nacional começava no lar. Esse enfoque elevava a responsabilidade cívica das mulheres, retirando-as, aparentemente, da posição de meras tuteladas e conferindo-lhes um papel ativo na construção de uma nação saudável.

Fontes

ABRAHAM FLEXNER. *Prostitution in Europe*. New York: The Century Co., 1919.

ALMEIDA, Jaime Pereira de. *Elementos para o Estudo da Condição Física e Intelectual da Mulher*. Porto: Tip. Do Porto Médico de Magalhães & Figueiredo, 1907.

AMARAL, Domingas Lazary. *Educação dos Indígenas nas Colônias e suas Vantagens*. Lisboa: Tip. da Casa Garrett, 1924.

ANGELATZ Y ALBORNA, Juan. “Vantagens da Alimentação Natural” In *O Vegetariano*, Porto, V. 13, n. 9 e 10, 1922.

APERT, Eugène. “Les Journées Eugéniques Internationales de Bruxelles et la Fondation de la Ligue Nationale Belge contre le Péril Vénérien” In *Paris Médical*, n. 46, pp. 322–333, 1922.

BOMBARDA, Miguel. “A Esterilização dos Degenerados” In *A Medicina Contemporânea*, V. 13, n. 5, 1910.

BRAZÃO, Arnaldo. *Abolicionismo*. Lisboa: Tip. da Casa Garrett, 1924.

¹⁰¹ KIPLING, Rudyard. *The White Man’s Burden (O Fardo do Homem Branco)*, 1899. Disponível em: <https://www.fafich.ufmg.br/hist_discip_grad/KIPLING%20%20Fardo%20do%20Homem%20Branco.pdf>. Acessado em Junho de 2024.

“Criar cidadãos perfeitos para uma República máscula, forte e virtuosa”: o Primeiro ...

_____. *O Primeiro Congresso Feminista e de Educação (Relatório)*. Lisboa: Edições Spartacus, 1925.

CABETE, Adelaide. *A Luta Anti-Alcoólica nas Escolas*. Lisboa: Tip. da Casa Garrett, 1924.

CONSELHO NACIONAL DAS MULHERES PORTUGUESAS. “Dr^a Paulina Luisi” In *Alma Feminina: Boletim Oficial do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*, V. V, n. 5 e 6, 1921.

_____. “Sem título” In *Alma Feminina: Boletim Oficial do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*, V. VIII, n. 2 e 3, 1924.

CORREIA, Mendes. *Os Criminosos Portugueses: Estudos de Antropologia Criminal*. Coimbra: Tip. França Amado, 1914.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. “Sem título”, Ano III, n. 416, 1872.

FAZENDA JÚNIOR. “A Prostituição” In *A Madrugada*, Ano II, n. 15, 1912.

“GET THEE BEHIND ME, (MRS.) SATAN!”, *Harper’s Weekly*, V. XVI, n. 790, 1872.

KIPLING, Rudyard. *The White Man’s Burden (O Fardo do Homem Branco)*, 1899.
Disponível em: <https://www.fafich.ufmg.br/hist_discip_grad/KIPLING%20O%20Fardo%20do%20Homem%20Branco.pdf>. Acessado em Junho de 2024.

LIGA REPUBLICANA DAS MULHERES PORTUGUESAS. “Escravidão Branca” In *A Madrugada*, Ano II, n. 15, 1912.

LUISI, Paulina. *Algumas Ideias sobre Eugenia*. Montevideo: El Siglo Ilustrado, 1916.

_____. “Plan y Métodos de Enseñanza Sexual” In *Acción Femenina*, Año IV, n. 27, 1920.

_____. *Educação Sexual*. Lisboa: Tip. da Casa Garrett, 1924.

MOURA, Carneiro de. *A Mulher e a Civilização*. Lisboa: Seção Editorial da Companhia Nacional Editora, 1900.

PEREIRA, Avelina Correia. “A Prostituição” In *A Madrugada: Propriedade da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas*, Ano II, n. 13, 1912.

PINARD, Adolphe. “De la Conservation et de l’Amélioration de l’Espèce” In *Revue Scientifique*, V. 1, pp. 167-174, 1899.

PROGRAMA DA LIGA PORTUGUESA DE PROFILAXIA SOCIAL In *Boletim da Liga Portuguesa de Profilaxia Social*, n. 1. Porto: Empresa Industrial Gráfica do Porto, 1929.

RIBEIRO, Julieta. “Defesa da Tese Naturista” In *O Vegetariano*, V. 15, n. 9 e 10, 1924.

SERPA, Maria P. Bastos. “A Prostituição” In *A Madrugada*, Ano II, n. 19, 1913.

SILVA, M. Abúndio da. *Feminismo e Ação Feminina: Cartas à uma Senhora*. Braga: Cruz & Cia, 1912.

Referências bibliográficas

ADAMS, Mark. B. “Toward a Comparative History” In ADAMS, Mark B. (Ed). *The Wellborn Science: Eugenics in Germany, France, Brazil, and Russia*. New York: Oxford University Press, 1990.

ADÃO, Áurea. “A História da Profissão Docente em Portugal: Balanço da Investigação Realizada nas Últimas Décadas” In *Encontros Ibéricos de História da Educação*, Porto, V. 1, pp. 123–135, 1992.

ALMEIDA, Jaqueline Moraes. “Limites e Possibilidades do Feminismo Português na Primeira Década do Século XX, a Partir da Análise de ‘Alma Feminina’” In *Revista de História das Ideias*, Coimbra, V. 41, pp. 141–164, 2023.

ALVES, Iracélli da Cruz. *Feminismo Entre Ondas: Mulheres, PCB e Política no Brasil*. Tese (Doutorado em História)—Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

AMÂNCIO, Lúcia et al. *O Longo Caminho das Mulheres. 80 Anos Depois*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007.

ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Thiti; FRASER, Nancy. *Feminismo para os 99%*. Lisboa: Objectiva, 2019.

BARROS, José D’Assunção. *A Historiografia como Fonte Histórica*. Petrópolis: Vozes, 2022.

BERNARDINO, Maria Gabriela; CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. “Sociedade Vegetariana Brasileira: Tópicos sobre Eugenia, Moral e Higiene por Meio da Trajetória de Francisco Jaguaribe (1917-1923)” In *Outros Tempos: Pesquisa em Foco - História*, V. 21, n. 37, pp. 10–32, 2024.

BESSE, Susan K. *Modernizando a Desigualdade: Reestruturação da Ideologia de Gênero no Brasil, 1914-1940*. São Paulo: EDUSP, 1999.

BHANDAR, Brenna; SILVA, Denise Ferreira da. “White Feminist Fatigue Syndrome” In *Critical Legal Thinking*, 2013. Disponível em: <<https://criticallegalthinking.com/2013/10/21/white-feminist-fatigue-syndrome/>>. Acessado em Maio de 2024.

BRAGA, Isabel Drumond. “Em Busca do Novo Éden no Século XX: os Portugueses e a Fundação de Colónias Naturistas no Brasil” In *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, V. 25, n. 3, pp. 659-678, 2018.

BRANDMAN, Mariana. “Victoria Woodhull” In *National Women’s History Museum*, 2022. Disponível em: <www.womenshistory.org/education-resources/biographies/victoria-woodhull>. Acessado em Junho de 2024.

CASTRO, Zília Osório de. “Seminário Evocativo do I Congresso Feminista e da Educação em Portugal” In *O Longo Caminho das Mulheres. Feminismos 80 Anos Depois*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007.

CASTRO, Zília Osório de; ESTEVES, João. *Dicionário no Feminino (Séculos XIX-XX)*. Lisboa: Livros Horizonte, 2005.

CEDRANI, Fernanda Sosa; ZEMAITIS, Santiago. “Educación Sexual, Eugenesia y Moral en el Pensamiento de Paulina Luisi. La Experiencia de la Cátedra de Higiene Social (Uruguay, 1926-1930)” In *Mora*, Buenos Aires, n. 27, pp. 7–26, 2021.

CLEMINSON, Richard. *Catholicism, Race and Empire: Eugenics in Portugal (1900-1950)*. Budapest: Central European University Press, 2014.

_____. *Anarchism and Eugenics: an Unlikely Vonvergence, 1890-1940*. Manchester: Manchester University Press, 2019.

COSTA, C. Rosa. *História do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (1914-1947)*. Lisboa: Tinta da China, 2021.

COVA, Anne. “O Primeiro Congresso Feminista e da Educação em Portugal numa Perspectiva Comparada” In *O Longo Caminho das Mulheres. 80 Anos Depois*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007.

DAVIS, Angela. *Mulheres, Raça e Classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DOMINGUES, Mário. *A Afirmação Negra e a Questão Colonial. Textos, 1919-1928*. Lisboa: Tinta da China, 2022.

DUNN, Peter M. “Adolphe Pinard (1844–1934) of Paris and Intrauterine Pediatric Care” In *Archives of Disease in Childhood: Fetal and Neonatal*, n. 91, pp. 231-232, 2006.

ESTEVES, João Gomes. “Os Anos 20: a Afirmação de uma Nova Geração de Feministas” In *O Longo Caminho das Mulheres. 80 Anos Depois*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2007.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: a Vontade de Saber*. São Paulo: Paz & Terra, 2014.

FRACCARO, Gláucia Cristina Candian. *Os Direitos das Mulheres: Feminismo e Trabalho no Brasil (1917-1937)*. Rio de Janeiro: FGV, 2018.

FRASER, Nancy. “How Feminism Became Capitalism’s Handmaiden - And How to Reclaim It” In *The Guardian*, 2013. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2013/oct/14/feminism-capitalist-handmaiden-neoliberal>>. Acessado em Maio de 2024.

GIESBRECHT, Daniel Florence. “Trabalhos de Antropologia e Etnologia: o Movimento Eugênico Português a partir da Perspectiva da Antropologia Histórica” In *Revista Científica do Centro Universitário do Rio São Francisco*, n. 30, pp. 361–384, 2021.

GONZALEZ, Lélia. “Por um Feminismo Afro-Latino-Americano” In *Pensamento Feminista Hoje - Perspectivas Decoloniais*, Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

hooks, bell. *Não serei eu mulher?*. Lisboa: Orfeu Negro, 2018.

LAUGHLIN, Kathleen A. et al. “Is It Time to Jump Ship? Historians Rethink the Waves Metaphor” In *Feminist Formations*, Baltimore, V. 22, n. 1, pp. 76–135, 2010.

LAVRIN, Asunción. *Women, Feminism, and Social Change in Argentina, Chile, and Uruguay, 1890-1940*. Lincoln: University of Nebraska Press, 1995.

MATOS, Patrícia Ferraz de. *Anthropology, Nationalism and Colonialism: Mendes Correia and the Porto School of Anthropology*. New York: Berghahn Books, 2023.

MCCLINTOCK, Anne. *Couro Imperial: Raça, Gênero e Sexualidade no Embate Colonial*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

NADKARNI, Asha. *Eugenic Feminism: Reproductive Nationalism in the United States and India*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2014.

PAIS, José Machado. *A Prostituição e a Lisboa Boémia do Século XIX a Inícios do Século XX*. Lisboa: Ambar, 2008.

RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar: a Utopia da Sociedade Disciplinar e a Resistência Anarquista, Brasil (1890-1930)*. São Paulo: Paz & Terra, 2014.

ROLDÃO, Cristina et al. *Tribuna Negra: Origens do Movimento Negro em Portugal (1911-1933)*. Lisboa: Orfeu Negro, 2023.

“Criar cidadãos perfeitos para uma República máscula, forte e virtuosa”: o Primeiro ...

ROHDEN, Fabíola. *Uma Ciência da Diferença: Sexo e Gênero na Medicina da Mulher*. Rio de Janeiro: Editora da FIOCRUZ, 2001.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou Da Educação*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SERRADO, Ricardo Fernando Fontes Jesus. *O Problema Corpo-Mente no Portugal Contemporâneo: para uma Epistemologia do Desporto (1870-1910)*. Tese (Doutorado em História)—Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa, 2021.

STOLER, Ann Laura. *Race and the Education of Desire: Foucault's History of Sexuality and the Colonial Order of Things*. Durham: Duke University Press, 1995.

TURDA, Marius; GILLETTE, Aaron. *Latin Eugenics in Comparative Perspective*. London: Bloomsbury, 2014.

WITTENSTEIN, Kate. E. *The Heterodoxy Club and American Feminism (1912-1930)*. Dissertation (Doctor of Philosophy)—Boston: Boston University, 1989.

Artigo recebido para publicação em 11/07/24

Aprovado em 12/08/24.